

Diálogo & Antítese

Teísmo, Ateísmo e Racionalidade

Alvin Plantinga



ABC²-H

Diálogo & Antítese

Textos fundamentais em religião
e ciências humanas



ABC²-H

Diálogo & Antítese

Textos fundamentais em religião
e ciências humanas

Teísmo, Ateísmo e Racionalidade

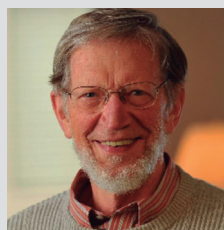
Alvin Plantinga

Tradução: Vitor Grando

Alvin Plantinga é o filósofo da religião mais importante da atualidade. Nesse artigo, Plantinga combate a idéia de que o teísta que não tem sua crença apoiada sobre evidências seria, de alguma forma, irracional ou estaria violando seus deveres epistêmicos. Para Plantinga, tal objeção é infundada, podendo ser perfeitamente revertida contra o ateísmo.

Objeções ateológicas à crença de que há uma pessoa como Deus existem em muitas variedades. Existem, por exemplo, as objeções, que já nos são familiares, de que o teísmo é de alguma forma incoerente, que é inconsistente com a existência do mal, que é uma hipótese pouco corroborada ou até refutada pelas evidências, que a ciência moderna, de alguma forma, lançou dúvidas sobre essa crença, e por aí vai. Outro tipo de objetor alega, não que o teísmo é incoerente ou falso ou provavelmente falso (até por que, há pouco há ser dito sobre isso de forma irrefutável com argumentos) mas que, de alguma forma, não é *razoável* ou é *irracional*, mesmo se tal crença for verdadeira. Aqui nós temos, como peça central, a objeção *evidencialista* à crença teísta. A alegação é que nenhum dos argumentos teístas - dedutivos, indutivos ou abduativos - são bem sucedidos; assim há no máximo evidências insuficientes para a existência de Deus. Mas então a crença de que há tal pessoa como Deus é, de alguma forma, intelectualmente imprópria - tola ou irracional. Uma pessoa que acredita sem evidências que existe um número par de patos estaria crendo de maneira tola ou irracional.; o mesmo vale para a pessoa que acredita em Deus sem evidências. Nessa visão, alguém que aceita a crença em Deus, mas não tem nenhuma evidência para tal crença não está, intelectualmente falando, apto para o debate. Entre aqueles que apresentaram essa objeção estão Antony Flew, Brand Blanshard e Michael Scriven. Talvez mais importante seja a enorme tradição oral: encontra-se essa objeção ao teísmo espalhada por todos os grandes *campi* universitários do mundo. A objeção em questão também foi endossada por Bertrand Russell, que uma vez após ser perguntado o que diria se, após a morte, ele se deparasse com Deus e este o perguntasse por que ele não acreditou. Russell respondeu “Eu diria, não há evidências suficientes, Deus! Não há evidências suficientes!” Eu não sei como essa resposta seria recebida; mas meu ponto é somente que Russell, como muitos outros, endossaram a objeção evidencialista à crença teísta.

Agora, qual é, exatamente, a alegação do objetor aqui? Ele afirma que o teísta sem evidências é *irracional* ou não é *razoável*. qual é a propriedade com a qual ele está creditando



Alvin Carl
Plantinga

é um filósofo analítico americano, que trabalha principalmente em lógica, justificação, filosofia cristã e epistemologia. Ele é o autor de importantes trabalhos, incluindo Deus e Outras Mentis (1967), A Natureza da Necessidade (1974) e uma trilogia de livros sobre epistemologia, que culminaram em Warranted Christian Belief (2000) que foi simplificado com o livro Conhecimento e Crença Cristã (2016). Seu livro Crença Cristã Avalizada foi lançado no Brasil recentemente pela editora Vida Nova em parceria com a ABC².

tal teísta quando ele assim o descreve? O que, exatamente, ou aproximadamente, ele quer dizer quando diz que o teísta sem evidências é *irracional*? Qual é, na visão dele, o problema com tal teísta? A objeção pode ser vista tomando pelo menos duas formas; e há pelo menos dois sentidos ou concepções correspondentes de racionalidade envolvidas. De acordo com a primeira, o teísta que não tem evidências violou um *dever* intelectual ou cognitivo de algum tipo. Ele contrariou uma obrigação colocada sobre ele pela sociedade ou talvez pela sua própria natureza como criatura capaz de compreender proposições e ter crenças. Há uma obrigação ou algo como uma obrigação para proporcionar à crença de alguém a força da evidência. Assim, de acordo com John Locke, a marca de uma pessoa racional é “não aceitar uma proposição com mais segurança do que a prova sobre a qual ela está apoiada pode garantir,” e de acordo com David Hume, “Um homem sábio conforma suas crenças às evidências.”

No século dezenove nós temos W.K. Clifford, o “adorável *enfant terrible*” como William James o chamou, insistindo que é monstruoso, imoral, e talvez até indelicado aceitar uma crença para a qual você tem insuficientes evidências:

“Qualquer um que merecer o bem de seu companheiro neste assunto irá guardar a pureza de suas crenças com um fanatismo de zeloso cuidado, para que não se apoiem, a qualquer momento, em um objeto indigno, e peguem uma mancha que não poderá ser limpada nunca” [1]

Ele acrescenta:

“Se crença foi aceita sobre evidências insuficientes, o prazer é roubado. Não apenas isso nos engana nos dando um sentimento de poder que na verdade nós não temos, mas é pecaminoso, roubando em rebeldia nosso dever para com a raça humana. Esse dever é de guardar nós mesmos de tais crenças como de uma pestilência, que pode rapidamente se espalhar pelos nossos corpos e pelo resto da cidade” [2]

E finalmente:

“Somando tudo: é sempre errado, a todo lugar, para qualquer um acreditar em algo com insuficientes evidências”. [3]

Não é difícil detectar, nessas citações, o “tom de robusta simpatia” com a qual James credita à Clifford. Nessa visão os teístas sem evidências - minha falecida avó, por exemplo - estão desobedecendo seus deveres epistêmicos e merecem nossa desaprovação. Madre Teresa, por exemplo, se ela não teve argumentos para sua crença em Deus, então ela é algum tipo de libertina intelectual - alguém que contrariou suas obrigações intelectuais e merece desaprovação ou até ação disciplinadora.

Agora a ideia de que existem deveres ou obrigações intelectuais é complicada, mas não implausível, e eu não quero questionar isso aqui. É menos plausível, entretanto, sugerir que eu estaria ou poderia estar contrariando meus deveres intelectuais em acreditar, sem evidência, que há tal pessoa como Deus. Primeiro, minhas crenças não estão, na sua maior parte, sob o meu controle. Se, por exemplo, você me oferece \$1.000.000 para deixar de acreditar que Marte é menor do que Vênus, não há nenhuma forma de que isso aconteça. Mas o mesmo vale para minha crença em Deus. mesmo se eu quisesse, não poderia - sem medidas heroicas como drogas que induzem ao coma - simplesmente abandonar tal crença. (Não há nada que eu possa fazer diretamente; talvez haja algum tipo de regime que se seguido religiosamente resulte, a longo prazo, no abandono da minha crença em Deus). Não parece haver nenhuma razão para pensar que tenho tal obrigação. Claramente não estou sob obrigação de ter evidências para tudo que eu creio; isso seria impossível. Mas porque, então, supor que tenho obrigação de aceitar minha crença em Deus somente se eu aceitar outras proposições que sirvam de evidências para isso? Isso de maneira alguma é auto-evidente ou simplesmente óbvio, e é extremamente difícil encontrar um argumento persuasivo para isso. Em qualquer evento, penso que o objetor evidencialista pode seguir uma linha mais promissora. Ele pode afirmar, não que o teísta sem evidência violou algum dever epistêmico - afinal, talvez ele não possa ajudar a si mesmo - mas que ele é de alguma forma intelectualmente falho ou desfigurado. Considere alguém que crê que Vênus é menor do que Mercúrio - não porque ele tem evidência, mas porque ele leu numa revista em quadrinhos e sempre acredita em tudo que lê em revistas em quadrinhos - ou considere alguém que afirma uma crença sobre as bases de um argumento totalmente ruim. Talvez não haja nenhuma obrigação que ele tenha falhado em cumprir; todavia sua condição intelectual é defeituosa de alguma forma. Ele apresenta algum tipo de deficiência, falha, uma disfunção intelectual de algum tipo. Talvez ele é como alguém que tem astigmatismo, ou é excessivamente desajeitado, ou sofre de artrite. E talvez a objeção do evidencialista deve ser construída, não como a alegação de que o teísta sem evidências vio-

lou alguma obrigação intelectual, mas que ele sofre de algum tipo de deficiência intelectual. O teísta sem evidência, poderíamos dizer, é um manco intelectual.

Alternativamente, mas similarmente, a ideia pode ser que o teísta sem evidência está sob algum tipo de ilusão, um tipo de ilusão difundida que aflige a maior parte da raça humana a maior parte do tempo até então. Dessa forma Freud via a crença religiosa como “ilusões, satisfação dos mais antigos, fortes, e insistentes desejos da raça humana.”[4] Ele vê a crença teísta como uma questão de satisfação de desejo. Os homens estão paralisados e aterrorizados pelo espetáculo das imponentes e impessoais forças que controlam nosso destino, mas não se dão conta disso, não compreendem a nós e nossos desejos e necessidades; eles, portanto, inventam um pai celeste de proporções cósmicas, que excede nosso pai terreno em bondade e amor como também em poder. A religião, diz Freud, é “a neurose obsessiva universal da humanidade”, e está destinada a desaparecer quando os seres humanos encararem a realidade como ela é, resistindo à tendência de editá-la para comportar nossos anseios.

Um sentimento similar é apresentado por Karl Marx:

“Religião... é a auto-consciência e o auto-sentimento do homem que ou ainda não se encontrou, ou (após ter se encontrado) se perdeu novamente. Mas o homem não é um ser abstrato... O Homem é o mundo dos homens, o Estado, a sociedade. Esse Estado, essa sociedade, produzem religião, produzem uma consciência mundial pervertida, porque eles são um mundo pervertido... A religião é o suspiro da criatura oprimida, os sentimentos de um mundo sem coração, assim como é o espírito de condições não espirituais. É o ópio do povo”.

“A abolição da religião como felicidade ilusória do povo é necessária para sua felicidade real. A necessidade de abrir mão das ilusões sobre sua condição é a necessidade de abrir mão de uma condição que precisa de ilusões” [5]

Observe que Marx fala de uma consciência mundial *pervertida* produzida por um mundo pervertido. Essa é uma perversão de uma condição natural, direita ou correta, trazida à tona por uma ordem social pervertida e doente. Do ponto de vista de Marx e Freud, o teísta está sujeito à um tipo de disfunção cognitiva, uma certa falta de saúde cognitiva e emocional. Poderíamos colocar dessa forma: o teísta acredita como acredita somente devido ao poder dessa ilusão, dessa condição neurótica pervertida. Ele é insano, no sentido etimológico do termo: ele não é saudável. Seu equipamento cognitivo, pode-se dizer, não funciona apropriadamente; não funciona como deveria. Se seu equipamento cognitivo estivesse funcionando apropriadamente, funcionando da forma que deveria funcionar, ele não deveria estar sob o encanto de tal ilusão. Ao invés, ele encararia o mundo com a noção de que estamos sozinhos aqui, e que qualquer conforto e ajuda que ele tiver deve partir de nós mesmos. Não há nenhum Pai no céu para nos confortar, e nenhuma perspectiva de nada, depois da morte, apenas dissolução. “Quando morremos, apodrecemos”, diz Michael Scriven, em uma de suas falas memoráveis.

É claro que o teísta não mostrará muito entusiasmo com a ideia de que sofre de uma deficiência cognitiva, está sob algum tipo de ilusão coletiva endêmica à condição humana. É no máximo um ou dois teólogos liberais, interessados em

novidades e ansiosos em se abrir tanto quanto possível ao secularismo contemporâneo, que abraçariam tal ideia. O teísta não se vê sofrendo de uma deficiência cognitiva. De fato, ele pode estar propenso a ver a coisa de maneira inversa; ele pode estar propenso a ver o *ateu* como quem está sofrendo de alguma ilusão, de algum defeito noético, de uma condição não natural, infeliz e desgraçada com consequências noéticas deploráveis. Ele verá o *ateu* como, de alguma forma, vítima do pecado desse mundo - seu próprio pecado ou o pecado dos outros. De acordo com o livro de *Romanos*, a descrença é resultado do pecado; ela se origina num esforço de “suprimir a verdade em injustiça”. De acordo com João Calvino, Deus nos criou com uma tendência a ver Sua mão no mundo ao nosso redor, “um sentimento de divindade”, ele diz, “está escrito no coração de todos”. Ele continua:

“De fato, a perversidade do ímpio, que embora se debata furiosamente não consegue se livrar do temor de Deus, é testemunho abundante de sua convicção de que há um Deus, essa convicção é inata a todos e fixada profundamente em nós, como se estivesse na nossa essência... Disse nós concluímos que isso não é uma doutrina que deve ser primeiro aprendida no colégio, mas uma que cada um de nós traz desde o ventre materno e que a natureza não permite com que esqueçamos”. [6]

Se não fosse pela existência do pecado no mundo, diz Calvino, os seres humanos acreditariam em Deus todos da mesma forma e com a mesma espontaneidade natural demonstrada na nossa crença na existência de outras pessoas, ou de um mundo externo, ou do passado. Essa é a condição *natural* do homem; é devido a nossa presente condição pecaminosa não natural que muitos de nós achamos a crença em Deus difícil ou absurda. O fato é, Calvino acredita, que alguém que não crê em Deus está numa posição epistemicamente defeituosa - como alguém que não acredita que sua esposa existe, ou pensa que ela é um robô construído que não tem pensamentos, sentimentos ou consciência. Assim o crente reverte Freud e Marx, alegando que o que eles vêm como doença na verdade é saúde e o que eles vêm como saúde na verdade é doença.

Obviamente, a disputa aqui é ultimamente ontológica, ou teológica, ou metafísica. Aqui vemos as raízes religiosas e ontológicas de discussões epistemológicas sobre a realidade. O que você crê ser racional depende de sua posição metafísica e religiosa. Depende de sua antropologia filosófica. Sua visão sobre que tipo de criatura é um ser humano vai determinar, no todo ou em parte, suas visões sobre o que é racional ou irracional para os seres humanos crerem; essa visão vai determinar o que você acha ser natural ou normal ou saudável em relação à crença. A disputa sobre quem é racional e quem é irracional não pode ser resolvida com considerações epistemológicas; não é uma disputa fundamentalmente epistemológica, mas ontológica ou teológica. Como podemos dizer o que é saudável para os seres humanos crerem a menos que saibamos ou tenhamos alguma ideia sobre que tipo de criatura nós somos? Se você acha que ele é criado por Deus à imagem de Deus, e criado com uma tendência natural de ver a mão de Deus no mundo ao nosso redor, uma tendência natural de reconhecer que ele foi criado e é observado pelo seu criador, devendo à Ele adoração e obediência, então é claro que você não vai ver a crença em Deus como manifestação de satisfação de desejo ou como algum tipo de defeito. É muito

mais como memória ou percepção sensorial, embora de algumas formas muito mais importantes. Por outro lado, se você vê os seres humanos como produto de forças evolucionistas cegas, se você acha que não há Deus e que os seres humanos são parte de um universo sem divindade, então você estará propenso a aceitar a visão de acordo com a qual a crença em Deus é algum tipo de doença ou disfunção, devido talvez, à algum tipo de problema cerebral.

A disputa sobre quem é saudável ou doente tem raízes teológicas ou ontológicas, e deve ser estabelecida nesse nível. Gostaria de apresentar uma consideração que, eu penso que favorece a forma teísta de encarar a questão. Como tenho falado, tanto teístas quanto ateístas falam de alguma forma de disfunção, de faculdades cognitivas ou equipamentos cognitivos que não funcionam apropriadamente, não funcionam como deveriam. Mas como deveríamos entender isso? O que é funcionar apropriadamente? Não é um tanto quanto problemática essa ideia de *funcionamento apropriado*? O que é para as faculdades cognitivas um funcionamento apropriado? O que é para um organismo natural - uma árvore, por exemplo - funcionamento apropriado? *Funcionamento apropriado* não é algo relativo aos nossos objetivos e interesses? Uma vaca está funcionando apropriadamente quando dá leite; um jardim está como deve estar quando apresenta uma preponderância exuberante do tipo de vegetação que nós nos propomos a desenvolver. Mas então parece evidente que o que constitui funcionamento apropriado depende de nossos objetivos e interesses. Até onde a natureza em si segue o seu curso, um peixe que se decompõe em uma montanha de salmoura não está funcionando tão apropriadamente, de maneira tão excelente, quanto um peixe que esteja nadando feliz ao redor caçando peixinhos? Mas então o que significa falar de “funcionamento apropriado” em relação às nossas faculdades cognitivas? Uma parte da realidade - um organismo, parte de um organismo, um ecossistema, um jardim - “funciona apropriadamente” somente em relação à algum tipo de regra que nós impomos sobre a natureza - uma regra que incorpora nossos objetivos e desejos.

Mas de um ponto de vista teísta, a ideia de funcionamento apropriado, aplicada à nós e ao nosso equipamento cognitivo, não é mais problemática do que, vamos dizer, a ideia do funcionamento apropriado de um Boeing 747. Algo que construímos - um sistema de aquecimento, uma corda, um acelerador linear - está funcionando apropriadamente quando está funcionando na maneira que foi projetado para funcionar. Meu carro funciona apropriadamente se funciona do jeito que foi projetado para funcionar. Meu refrigerador está funcionando apropriadamente quando refrigera, se faz o que um refrigerador foi projetado para fazer. Isso, penso, é a raiz da ideia de funcionamento apropriado. Mas de acordo com o teísmo, os seres humanos, como cordas e aceleradores lineares, foram projetados. Eles foram criados e projetados por Deus. Assim, ele tem uma resposta fácil para um conjunto relevante de perguntas: O que é funcionamento apropriado? O que é para minhas faculdades cognitivas o funcionamento apropriado? O que é disfunção cognitiva? O que é funcionamento natural? Minhas faculdades cognitivas estão funcionando naturalmente, quando estão funcionando da maneira que Deus as projetou para funcionar.

Por outro lado, se o objetor evidencialista ateológico alega que o teísta sem evidência é irracional, e se ele constrói a

irracionalidade em termos de defeito ou disfunção, então ele nos deve uma explicação dessa noção. Por que ele alega que o teísta é disfuncional, pelo menos nessa área da vida? Mais importante, como ele compreende a disfunção? Como ele vê a disfunção e seu oposto? Como ele explica a ideia do funcionamento apropriado de um organismo, ou de algum sistema orgânico ou parte de um organismo? Que explicação ele dá? Presumivelmente, ele não pode ver o funcionamento apropriado do meu equipamento noético como este foi projetado para funcionar; então como ele pode dizer que é disfuncional?

Duas possibilidades vêm à mente. Primeiro, ele pode estar pensando o funcionamento apropriado como *funcionamento na maneira que nos ajuda a alcançar nossos fins*. Dessa forma, ele pode dizer: “nós pensamos que nossos corpos estão funcionando apropriadamente e sendo saudáveis, quando eles funcionam de uma maneira tal que nos permita fazer o tipo de coisas que queremos fazer”. Mas, é claro, isso não será muito promissor no contexto presente; pois apesar de o objetor ateológico preferir ver o funcionamento de nossas faculdades cognitivas de uma maneira que não produza a crença em Deus, o mesmo não pode ser dito, naturalmente, para o teísta. Encarada desta forma, a objeção ateológica do evidencialista não passa da sugestão de que o ateólogo preferiria que as pessoas não acreditassem em Deus sem evidências. Isso seria uma observação autobiográfica da parte dele, tendo o interesse que tais observações têm em contextos filosóficos. Uma segunda possibilidade: funcionamento apropriado e noções similares devem ser explicadas em ter-

mos de aptidão para promover sobrevivência, seja no nível individual ou de espécies. Não há tempo para dizer muito sobre isso aqui; mas é no mínimo e imediatamente evidente que o objetor ateológico nos deveria um argumento para a conclusão de que a crença em Deus é, de fato, menos adequada para contribuir à nossa sobrevivência individual, ou à sobrevivência de nossas espécies do que é o ateísmo ou agnosticismo. Mas como seria tal argumento? Certamente a expectativa de um argumento não-circular é, de fato, desanimadora. Pois se o teísmo - teísmo Cristão, por exemplo - é verdadeiro, então parece totalmente implausível pensar que a disseminação do ateísmo, por exemplo, seria mais adequada para promover a sobrevivência de nossa raça do que a disseminação do teísmo.

Concluindo, uma forma natural de compreender tais noções como racionalidade e irracionalidade é em termos de funcionamento apropriado do equipamento cognitivo relevante. Visto desta perspectiva, a questão de se é racional acreditar em Deus sem suporte evidencialista de outras proposições é uma disputa metafísica ou teológica. O teísta tem facilidade em explicar a noção de funcionamento apropriado de nosso equipamento cognitivo. Ele funciona apropriadamente quando funciona da maneira que Deus projetou para funcionar. O objetor evidencialista ateísta, entretanto, nos deve uma explicação dessa noção. O que ele quer dizer quando reclama que o teísta sem evidência apresenta um defeito cognitivo de algum tipo? Como ele entende a noção de mal funcionamento cognitivo?

NOTAS

[1]W.K. Clifford, “The Ethics of Belief,” in Lectures and Essays (London: Macmillan, 1879), p. 183.

[2]Ibid, p. 184.

[3]Ibid, p. 186.

[4]Sigmund Freud, The Future of an Illusion (New York: Norton, 1961), p. 30.

[5]K. Marx and F. Engels, Collected Works, vol. 3: Introduction to a Critique of the Hegelian Philosophy of Right, by Karl Marx (London: Lawrence & Wishart, 1975).

[6]John Calvin, Institutes of the Christian Religion, trans. Ford Lewis Battles (Philadelphia: Westminster Press, 1960), 1.3 (p. 43- 44).

Série “Diálogo & Antítese: textos fundamentais em religião e ciências humanas”

A Série “Diálogo & Antítese: textos fundamentais em religião e ciências humanas” é uma iniciativa da ABC2-H, o grupo de Humanidades da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência. Com o propósito de iluminar o papel da fé na compreensão científica do ser humano e de fomentar a mútua fertilização entre a fé Cristã e as humanidades, a série será composta de textos teóricos introdutórios e artigos clássicos selecionados sobre as questões centrais do diálogo contemporâneo. A série é recomendada para discussões metodológicas em teologia, filosofia e humanidades, bem como para grupos de leitura em religião e ciências humanas. Ela será publicada inicialmente no site da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência - www.cristaosnaciencia.org.br. Informações e dúvidas, envie e-mail para contato@cristaosnaciencia.org.br.

Editores: Guilherme de Carvalho, Marcelo Cabral e Pedro Dulci

Dados da publicação: Novembro/2018